

Vivências de pais no puerpério de parceiras em maternidade do Paraná: um estudo transversal

Experiences of parents in the puerperium of partners in maternity of Paraná: a cross-sectional study

Lediane Dalla Costa¹, Emanuelli Girardi², Angela Terezinha Deponti³,
Géssica Paula Battisti⁴, Aghata Possatto⁵

1. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9114-3669> Enfermeira. Mestre em Saúde e Gestão do Trabalho. Docente e Coordenadora do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Paranaense (UNIPAR), Francisco Beltrão, PR, Brasil.
E-mail: lediana@prof.unipar.br

2. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5129-8001> Graduanda de Enfermagem pela Universidade Paranaense (UNIPAR), Francisco Beltrão, PR, Brasil.
E-mail: emanuelli.girardi@edu.unipar.br

3. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-9929-6874> Graduanda de Enfermagem pela Universidade Paranaense (UNIPAR), Francisco Beltrão, PR, Brasil.
E-mail: angela.deponti@edu.unipar.br

4. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0054-971X> Graduanda de Enfermagem pela Universidade Paranaense (UNIPAR), Francisco Beltrão, PR, Brasil.
E-mail: gessica.battisti@edu.unipar.br

5. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-7646-1678> Graduanda de Enfermagem pela Universidade Paranaense (UNIPAR), Francisco Beltrão, PR, Brasil.
E-mail: aghata.possatto@edu.unipar.br

RESUMO

O estudo objetivou conhecer a vivência de pais durante o puerpério imediato, no hospital, e tardio, em domicílio, bem como sua contribuição nos cuidados à parceira e ao recém-nascido. Pesquisa exploratória, transversal e descritiva, realizada entre junho e agosto de 2024, com 100 pais em maternidade do Paraná. A maioria tinha entre 26 e 40 anos (68%), esteve presente no parto (92%) e reconhecia a importância da amamentação exclusiva (81%). Quanto à participação, 84% se declararam “participativos” e 90% relataram auxiliar na amamentação. Em relação à percepção sobre a parceira, 82% a consideraram “forte” e 74% contribuíram para o conforto materno, por meio de

apoio emocional, serviços e encorajamento. Houve associação entre participação no pré-natal e auxílio frente ao soluço do bebê ($p=0,02$), acompanhamento das vacinas ($p=0,01$) e sentimento de realização no nascimento ($p=0,02$). Conclui-se que a participação paterna fortalece o vínculo familiar e a qualidade do cuidado materno-neonatal.

DESCRITORES: Gravidez. Paternidade. Vivência. Parceira. Recém-Nascido.

ABSTRACT

The study aimed to understand fathers' experiences during the immediate postpartum period, in the hospital, and the late postpartum period, at home, as well as their contribution to the care of their partner and newborn. This was an exploratory, cross-sectional, and descriptive study conducted between June and August 2024 with 100 fathers in a maternity hospital in Paraná, Brazil. Most were between 26 and 40 years old (68%), were present at delivery (92%), and recognized the importance of exclusive breastfeeding (81%). Regarding participation, 84% declared themselves "participative," and 90% reported assisting with breastfeeding. Concerning their perception of their partner, 82% considered her "strong," and 74% contributed to maternal comfort through emotional support, services, and encouragement. There was an association between participation in prenatal care and assistance with the baby's hiccups ($p=0.02$), monitoring of vaccines ($p=0.01$), and the feeling of fulfillment at childbirth ($p=0.02$). It is concluded that paternal participation strengthens family bonding and the quality of maternal-neonatal care.

DESCRIPTORS: Pregnancy. Paternity. Experience. Partner. Newborn.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios, a figura feminina era vinculada ao lar e aos filhos, em que o homem provia o sustento e o financeiro, abstendo-se do afeto com a prole¹. Com as mudanças globais, a estrutura organizacional da família tradicional vem se adaptando a novos meios de educação e cuidado, ultrapassando limites e rompendo barreiras sociais e culturais de gerações passadas e reorganizando os papéis entre a tríade pai, mãe e bebê, desmistificando que o período gravídico precisa ser vivenciado apenas pela mulher².

Durante a gestação, ocorrem mudanças psicológicas e fisiológicas no organismo, com intuito de preparar a mente e o corpo para vivência gestacional, parto e puerpério, alterações que afetam diretamente o vínculo familiar, podendo ser considerado como período de crise, diante do processo evolutivo da mulher e da relação com o parceiro³. Logo, o puerpério é visto como momento frágil e vulnerável tanto para a mãe quanto para o pai, principalmente quando relacionado ao estado emocional e à reorganização da rotina e das prioridades com a chegada de um bebê, dando início a um novo ciclo na vida do casal⁴.

O sentimento de “ser pai” pode dar-se nas diferentes fases da gestação, é singular e advém da particularidade de cada homem, podendo surgir com a descoberta da gravidez, no acompanhamento das consultas pré-natais e, até mesmo, apenas com a chegada do bebê. Logo, avaliar o envolvimento paterno, durante os meses iniciais, é fundamental, pois é diante das novas dificuldades e experiências com a gestação que o pai demonstrará a participação e o cuidado com as situações emergentes no período gravídico que refletirá no puerpério e, por consequência, na relação familiar e no bom enfrentamento das adversidades⁵.

De acordo com estudo realizado por meio de grupo focal virtualizado via *WhatsApp* de casais que participavam de grupos de gestantes no Vale do Taquari (RS), de cunho qualitativo e exploratório, buscou-se identificar a importância dos grupos de gestantes para influência da paternidade durante o período gravídico e estendendo-se ao puerpério, de modo a ressaltar a importância para o fortalecimento da parceria do casal, refletindo em todo o processo gestacional e para com o cuidado com o bebê, adquiriu-se, pela pesquisa, diversos relatos do que é a responsabilidade dos pais, diante da visão deles, caracterizando como uma das atribuições a proteção com o lar e os filhos, como também a importância da presença da figura paterna em

relação ao desenvolvimento psíquico e à construção de identidade integrada da criança, garantida pelo contato e pela criação de vínculos desde o nascimento com o pai. Desta forma, a paternidade possui grande força e poder em relação a crianças e à educação dos filhos, não podendo ser considerada como cuidado secundário, mas como fundamental para o amadurecimento saudável dos infantes⁶.

Em outro estudo realizado nas maternidades públicas e particulares em Maceió, Brasil, a partir da disciplina Saúde da Mulher, foi possível identificar que, para gestantes acompanhadas de cônjuges, o parto era mais rápido e efetivo, do que aquelas acompanhadas por outros integrantes da família, como mães, avós, irmãs ou até mesmo sozinhas. Assim, é evidente que a presença do pai, durante o parto e pós-parto, é relevante e, atualmente, a participação paterna ocorre com mais frequência, quando comparada aos últimos anos, destacando os benefícios para a figura feminina e empoderada, bem como para o fortalecimento do relacionamento diante dos novos desafios e do bebê, diretamente relacionado ao desenvolvimento da personalidade da criança⁷.

O puerpério está diretamente relacionado à inclusão do homem nas demandas exigidas pelo bebê e no esgotamento materno, como trocas de fraldas, vacinas, amamentação, alimentação e lar, predestinados ao público feminino, deixando o papel do homem às margens. Mas, atualmente, essa visão está tomando novas direções e os pais estão buscando entender melhor esse processo e de que forma podem estar auxiliando a mãe nesse período, de modo a aliviar o cansaço físico e mental, assumindo demandas noturnas e da casa, participando ativamente das consultas, vacinas, buscando estar presente em todas as fases do desenvolvimento infantil e assumindo demandas que antes eram negligenciadas pela sociedade e hierarquia familiar.

Apesar do crescente interesse científico sobre a paternidade, as investigações ainda se concentram em dimensões específicas, como a participação dos homens em grupos de gestantes⁶, o uso de tecnologias móveis para apoio ao cuidado⁸ ou as responsabilidades sociais do homem no papel de provedor^{9,10}. Outras pesquisas enfocam experiências de pais em situações de maior vulnerabilidade, como a hospitalização de puérperas em unidades de terapia intensiva¹¹. Entretanto, permanece pouco explorado como os pais vivenciam o puerpério de suas parceiras em contextos hospitalares comuns e, posteriormente, no ambiente domiciliar, especialmente no que se refere às formas de apoio à mulher e de cuidado ao recém-nascido.

Diante disso, a pergunta norteadora deste estudo foi: quais as experiências dos pais, durante o puerpério, em um município do interior do Paraná? Assim, o presente estudo visa conhecer as experiências de pais, durante o período do puerpério imediato, no meio intra-hospitalar e tardio, por inquérito telefônico, e de que forma eles contribuem com os cuidados ao recém-nascido e da respectiva parceira. Diante disto, a questão-problema da presente pesquisa é buscar conhecer se a participação dos pais com os cuidados com o recém-nascido e a parceira é ativa e efetiva.

MÉTODO

Trata-se de pesquisa exploratória, transversal, descritiva, de campo, realizada por meio de questionário e inquérito telefônico, realizada com pais que vivenciaram o processo do puerpério de esposas, com objetivo de identificar a importância do cuidado e da presença da figura masculina, durante o período de fragilidade do pós-parto.

A pesquisa foi realizada no período de junho a agosto de 2024, no município de Francisco Beltrão, no Sudoeste do Paraná que possui população estimada de 93.803 habitantes, dados do último censo realizado em 2021¹². A aplicação dos questionários ocorreu no Hospital São Francisco, instituição de médio porte credenciada ao Sistema Único de Saúde (SUS) com mais de 56 anos de atuação, sendo vinculada ao Programa Mãe Paranaense, referência para gestantes e puérperas de risco habitual e seus parceiros. O hospital realiza em média 120 partos por mês.

O estudo foi realizado com 100 pais que vivenciaram o puerpério de parceiras, selecionados por meio de amostragem não probabilística por conveniência. Foram incluídos na pesquisa os pais presentes durante a internação das puérperas no hospital, que residissem no município de Francisco Beltrão e que dispusessem de aparelho telefônico móvel próprio. Foram excluídos da pesquisa os pais de puérperas que apresentaram intercorrências obstétricas, assim como os participantes com deficiência auditiva que impossibilitasse a comunicação por meio de ligações telefônicas.

O cálculo amostral considerou população finita de pais potencialmente elegíveis no período do estudo ($N=360$; 120 partos/mês em três meses). Adotou-se estimativa conservadora de proporção ($p=0,50$), nível de confiança de 95% ($z=1,96$)

e efeito de desenho igual a 1. Pelo modelo para proporções com correção para população finita, seriam necessários 106 participantes para erro amostral de 8%. Em decorrência das recusas e da perda de seguimento dos participantes ao longo das etapas do estudo, a amostra final foi constituída por 100 participantes.

A coleta de dados foi realizada em duas etapas, a primeira, na maternidade do Hospital São Francisco, por meio de questionário, durante o período de internação pós-parto, considerado até o 10º dia pós-parto. A segunda etapa foi realizada via inquérito telefônico no puerpério tardio (11º ao 45º pós-parto) com os mesmos pais que vivenciaram e acompanharam o puerpério imediato e vivenciam o puerpério tardio de parceiras e que residiam no município de Francisco Beltrão, Paraná, mediante a aplicação de dois questionários estruturados fechados, com perguntas elaboradas pelas pesquisadoras.

No primeiro momento, aplicou-se o questionário com perguntas referentes ao puerpério imediato, relacionado ao perfil sociodemográfico, como idade, raça, escolaridade, estado civil, renda familiar e número de filhos, sendo questionado ao pai se estava presente no momento do parto e se sabia sobre a importância do Aleitamento Materno Exclusivo (AME), nos primeiros seis meses de vida do infante, e se auxiliava com a amamentação, ofertando alimento e água para a lactente. Em seguida, foi questionado se auxiliou a parceira no primeiro banho pós-parto no meio hospitalar, com o banho do filho desde o período de internação ao domicílio e se efetuou a troca de fraldas dos recém-nascidos. Juntamente com o registro das respostas, solicitou-se a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que garante a participação da pesquisa e o número de telefone do homem, para que, no período de puerpério tardio, fosse possível dar continuidade ao estudo.

Em sequência às coletas de dados, a segunda etapa foi por inquérito telefônico, por meio de um aparelho telefônico móvel. Nesse momento foi preenchido um questionário que teve como ênfase os sentimentos e a vivência do homem durante o puerpério tardio, juntamente das perguntas sobre aquilo que poderia ser feito, para que esse momento fosse mais leve para a sua parceira. Também foram investigados os aprendizados adquiridos para as possíveis futuras gestações e puerpérios.

A partir do segundo questionário, os pais elencaram adjetivos que os definiram como “participativos” e “colaborativos”, sendo questionados também sobre a participação nas consultas de pré-natal, nos exames de rotina da gestação e ultrassonografia e acerca da visão de cada parceiro sobre a assistência ao pré-natal.

Em seguida, foi solicitado que descrevessem como viam as parceiras durante o puerpério tardio, como “forte”, “independente”, “sentimental” e “frágil” e se auxiliaram nesse período, para que se sentissem acolhidas, mediante apoio emocional, palavras de encorajamento e atos de serviço. Por fim, os pais foram questionados sobre a participação nos cuidados com o bebê, se auxiliavam nos momentos de soluço, choro, banho de sol, vacinas e assaduras. Também foram investigados quais os sentimentos relacionados à chegada de mais um integrante na família, tais como medo, insegurança, realização, preocupação e felicidade.

Foram consideradas como variáveis desfecho as respostas às perguntas: a) O pai participou de forma ativa durante o pré-natal da parceira - consulta de pré-natal (Opções de resposta: Sim, Não); b) Esteve presente durante o parto de sua parceira? (Opções de resposta: Sim, Não). As variáveis desfecho elencadas, sendo todas com opções de respostas “sim” ou “não”, foram: a) Se sente incluído nos cuidados com o bebê; b) Auxilia nos cuidados com o bebê: soluço do bebê; choro do bebê; banho de sol do bebê; vacinas do bebê; assaduras do bebê; c) Sentimentos do pai em relação ao cuidado com o bebê: medo relacionado aos cuidados com o bebê; insegurança relacionada aos cuidados com o bebê; d) Realizado em relação ao nascimento do(a) filho(a); e) Preocupação em relação ao nascimento do(a) filho(a); f) Felicidade em relação ao nascimento do(a) filho(a).

Os dados foram coletados por questionário com perguntas fechadas e tabulados em planilha do Excel. A análise descritiva foi realizada a partir das frequências simples e relativas. Para a análise inferencial bivariada, no caso da comparação das variáveis nominais, utilizou-se o teste qui quadrado de independência. As variáveis que apresentaram $p < 0,20$ nas análises bivariadas, foram inseridas em um modelo multivariado e analisadas a partir da regressão logística binomial, sendo calculada a *odds ratio* (OR) ajustada e o intervalo de confiança (95,0%). Em todos os casos, adotou-se o nível de significância $p < 0,05$. O Critério de Informação de Akaike (AIC) foi realizado para escolha do modelo de regressão. O Variance Inflation Factor (VIF) foi aplicado para avaliação do aumento da variância devido à presença de multicolinearidade. Todas as análises foram realizadas no software Jamovi, versão 2.3.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da UNIPAR - Universidade Paranaense, conforme parecer número: 6.850.332. A

pesquisa seguiu todas as orientações previstas na Resolução de número 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS

A presente pesquisa ocorreu em maternidade de referência para gestantes de risco habitual na Região Sudoeste do Paraná e participaram da coleta de dados 100 pais que vivenciaram o puerpério imediato, no meio intra-hospitalar, durante o período de internação do triade mãe-pai-bebê que acontece por 24 horas hospitalizados; e o puerpério tardio, via inquérito telefônico, no meio extra-hospitalar, em domicílio, após o 11º dia pós-parto até os 45º dias, conforme instituído pelo Ministério da Saúde, a partir de dois questionários elaborados pelas pesquisadoras.

Sobre o perfil sociodemográfico dos participantes deste estudo, houve prevalência de pais com idades entre 26 e 48 anos (68%). No que refere à raça, prevaleceu a branca (62%), em relação à escolaridade, a maioria concluiu o ensino médio (58%). Quanto à situação conjugal, prevaleceram casados/união estável (70%), e 46% possuíam a renda com mais de três salários-mínimos, e quando questionado sobre o número de filhos, a maioria eram pais de primeira viagem (55%).

A Tabela 1 apresenta informações sobre a participação do parceiro com os cuidados e a higiene do bebê nas primeiras 24 horas de internação e o auxílio para com a puérpera nas atividades pós-parto imediato. Em relação à participação do parceiro no parto cesariano ou vaginal, 92% relataram estar presentes. Quando questionados sobre a importância da amamentação, 81% informaram saber sobre os benefícios e a exclusividade nos primeiros seis meses de vida do bebê e 90% relataram que auxiliam a parceira, ofertando água e alimento, durante a oferta do seio materno.

Em relação ao primeiro banho pós-parto da puérpera no período de internação, 71% dos parceiros não auxiliaram as esposas e quando questionado sobre o banho do neném, 58% dos pais não auxiliaram no primeiro banho em ambiente hospitalar, sendo 55% realizado pela equipe de enfermagem e 42% auxiliaram com o banho de outros filhos em domicílio. E, quando questionados sobre a participação nas trocas de fralda, 88% dos pais relataram trocar a fralda dos filhos sempre que necessário.

Tabela 1. Participação do parceiro com os cuidados e a higiene do bebê nas primeiras 24 horas de internação e o auxílio para com a puérpera nas atividades pós-parto imediato em maternidade de referência para risco habitual no Sudoeste do Paraná. 2024.

Variáveis	Nº	%
Esteve presente durante o parto de sua parceira?		
Sim	92	92,0
Não	8	8,0
Sabe sobre a importância da amamentação exclusiva para o bebê nos primeiros seis meses?		
Sim	81	81,0
Não	19	19,0
Auxilia a parceira com a amamentação?		
Sim	90	90,0
Não	10	10,0
Se “sim”, auxilia como na amamentação		
Oferta água/comida	90	90,0
Não auxilia	10	10,0
Auxiliou no 1º banho da puérpera no período de puerpério mediato no meio intra-hospitalar?		
Sim	29	29,0
Não	71	71,0
Auxilia com o banho do neném no período de internação e em domicílio?		
Sim	42	42,0
Não	58	58,0
Outro membro da família	3	3,0
Equipe de enfermagem	55	55,0
Realizou a troca de fraldas do bebê no período de internação?		
Sim	88	88,0
Não	12	12,0

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

A Tabela 2 expõe informações sobre a participação do parceiro nos cuidados durante a gestação, parto e puerpério de parceira, 84% dos pais tiveram papel

participativo, quando se indagou sobre a participação dos pais durante o pré-natal, 64% compareceram nas consultas, 60% nos exames e 97% nas ultrassonografias.

Já a visão dos pais diante da assistência de enfermagem durante o pré-natal mostra-se boa com 87%, expõem-se que pais veem a parceira com uma personificação forte com 82% durante o período do puerpério. Quando indagado sobre a contribuição do pai no conforto da parceira durante o período do puerpério, com apoio emocional, palavras de encorajamento e atos de serviço, sendo todos os tópicos anteriores com 74%.

Tabela 2. Participação do parceiro nos cuidados, durante gestação, parto e puerpério da parceira, em maternidade de referência para risco habitual no Sudoeste do Paraná. 2024.

Variáveis	Nº	%
Participativo	84	84
Colaborativo	16	16
O pai participou de forma ativa durante o pré-natal da parceira		
Consultas de pré-natal		
Sim	64	64
Não	36	36
Exames de rotina na gestação		
Sim	60	60
Não	40	40
Ultrassonografia gestacional		
Sim	97	97
Não	3	3
Visão dos pais sobre a assistência do pré-natal		
Boa	87	87
Ruim	1	1
Atenciosa	12	12
Visão dos pais sobre a parceira no período do puerpério tardio		
Forte	82	82
Independente	8	8

Sentimental	9	9
Frágil	1	1
O pai contribui para que a parceira se sinta mais confortável durante o período do puerpério tardio		
Apoio emocional	6	6
Palavras de encorajamento	2	2
Atos de serviço	18	18
Todos os anteriores	74	74

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

A Tabela 3 apresenta os dados sobre a participação do pai nos cuidados com o bebê durante o puerpério tardio em domicílio, 98% dos pais se sentiam incluídos nos cuidados com o bebê, logo, quando foi indagado sobre o auxílio com os cuidados com o bebê, 75% dos pais auxiliavam com o soluço, 98% com o choro, referente ao banho de sol, 85% dos pais não ajudavam, 51% dos pais auxiliavam com as vacinas e 70% não assessoravam com assaduras.

Quando questionados acerca dos sentimentos que os pais apresentavam em relação aos cuidados com o bebê, 94% não demonstraram medo, 90% não referiram insegurança, 57% realização referente ao nascimento do bebê, 67% dos pais não apresentaram preocupação e 74% dos pais demonstraram felicidade ao exercer os cuidados com o bebê.

Tabela 3. Participação do parceiro nos cuidados com o bebê, durante o puerpério tardio em domicílio, após o 11º dia de nascimento, em maternidade de referência para risco habitual no Sudoeste do Paraná. 2024.

Variáveis	Nº	%
Se sente incluído nos cuidados com o bebê		
Sim	98	98
Às vezes	2	2
Auxilia nos cuidados com o bebê		
Soluço do bebê		
Sim	75	75
Não	25	25

Choro do bebê		
Sim	98	98
Não	2	2
Banho de sol do bebê		
Sim	15	15
Não	85	85
Vacinas do bebê		
Sim	51	51
Não	49	49
Assaduras do bebê		
Sim	30	30
Não	70	70
Sentimentos do pai em relação ao cuidado com o bebê		
Medo relacionado aos cuidados com o bebê		
Sim	6	6
Não	94	94
Insegurança relacionada aos cuidados com o bebê		
Sim	10	10
Não	90	90
Realizado em relação ao nascimento do(a) filho(a)		
Sim	57	57
Não	43	43
Preocupação em relação ao nascimento do(a) filho(a)		
Sim	33	33
Não	67	67
Felicidade em relação ao nascimento do(a) filho(a)		
Sim	74	74
Não	26	26

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

A Tabela 4 apresenta os fatores relacionados à participação do parceiro nos cuidados com o bebê durante o puerpério tardio. Observou-se associação estatisticamente significativa entre a participação ativa no pré-natal e o auxílio do pai frente ao soluço do bebê ($p=0,02$) e no acompanhamento das vacinas ($p=0,01$), indicando que a vivência do pré-natal favorece maior engajamento paterno em aspectos práticos do cuidado. Além disso, a variável “realização em relação ao nascimento do(a) filho(a)” também apresentou associação significativa com a participação no pré-natal ($p=0,02$), evidenciando que os pais que acompanharam as consultas relataram maior sentimento de realização com a paternidade.

Tabela 4. Fatores relacionados à participação do parceiro nos cuidados com o bebê durante o puerpério tardio no Sudoeste do Paraná – Análise Bivariada. 2024.

Variáveis	O pai participou de forma ativa durante o pré-natal da parceira (consulta de pré-natal)				Valor de p*	Esteve presente durante o parto de sua parceira?				Valor de P*
	Sim		Não			Sim		Não		
	N	%	N	%		N	%	N	%	
Se sente incluído nos cuidados com o bebê					1,00					1,00
Sim	52	98,1	30	96,8		75	97,4	7	100,0	
Às vezes	1	1,9	1	3,2		2	2,6	0	0,0	
Auxilia nos cuidados com o bebê										
Soluço do bebê					0,02					0,07
Sim	44	83,0	18	58,1		59	76,6	3	42,9	
Não	9	17,0	13	41,9		18	23,4	4	57,1	
Choro do bebê										
Sim	53	100,0	30	96,8	0,37	76	98,7	7	100,0	1,00
Não	0	0,0	1	3,2		1	1,3	0	0,0	
Banho de sol do bebê					0,74					1,00
Sim	8	15,1	3	9,7		10	13,0	1	14,3	
Não	45	84,9	28	90,3		67	87,0	6	85,7	

Vacinas do bebê					0,01					0,44
Sim	31	58,5	9	29,0		38	49,4	2	28,6	
Não	22	41,5	22	71,0		39	50,6	5	71,4	
Assaduras do bebê					0,47					0,42
Sim	19	35,8	8	25,8		26	33,8	1	14,3	
Não	34	64,2	23	74,2		51	66,2	6	85,7	
Sentimentos do pai em relação ao cuidado com o bebê										
Medo relacionado aos cuidados com o bebê					0,19					1,00
Sim	2	3,8	4	12,9		6	7,8	0	0,0	
Não	51	96,2	27	87,1		71	92,2	7	100,0	
Insegurança relacionada aos cuidados com o bebê					0,72					0,56
Sim	5	9,4	4	12,9		8	10,4	1	14,3	
Não	48	90,6	27	87,1		69	89,6	6	85,7	
Realizado em relação ao nascimento do(a) filho(a)					0,02					0,23
Sim	35	66,0	12	38,7		45	58,4	2	28,6	
Não	18	34,0	19	61,3		32	41,6	5	71,4	
Preocupação em relação ao nascimento do(a) filho(a)					0,47					0,09
Sim	19	35,8	8	25,8		27	35,1	0	0,0	
Não	34	64,2	23	74,2		50	64,9	7	100,0	
Felicidade em relação ao nascimento do(a) filho(a)					1,00					0,67
Sim	38	71,7	23	74,2		55	71,4	6	85,7	
Não	15	28,3	8	25,8		22	28,6	1	14,3	

*Teste qui-quadrado de independência.

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

A Tabela 5 apresenta os resultados da análise bivariada de regressão logística sobre os fatores associados à participação do parceiro nos cuidados com o bebê durante o puerpério tardio. Observa-se que o auxílio paterno diante do soluço do bebê apresentou odds ratio (OR) de 4,37 (IC95%: 0,89–21,37), com valor de $p = 0,069$, indicando tendência de associação, embora não estatisticamente significativa. Já o auxílio nas vacinas do bebê apresentou OR de 2,43 (IC95%: 0,44–13,21), com $p = 0,305$, não demonstrando associação significativa. Em relação ao aspecto emocional, o sentimento de realização com o nascimento do(a) filho(a) resultou em OR de 3,51 (IC95%: 0,64–19,26), com $p = 0,147$, também sem significância estatística.

Tabela 5. Regressão logística dos fatores associados à participação do parceiro nos cuidados com o bebê durante o puerpério tardio no Sudoeste do Paraná – Análise Bivariada. 2024.

Variáveis	Odds ratio (OR) ajustada	Intervalo de confiança (IC) 95%	Valor de p^*	VIF**	AIC***
Auxilia nos cuidados com o bebê: soluço					
Sim Vs Não	4,37	0,89-21,37	0,069	1,00	48,9
Auxilia nos cuidados com o bebê: vacina					
Sim Vs Não	2,43	0,44-13,21	0,305	1,00	51,0
Sentimentos do pai em relação ao cuidado com o bebê: realizado em relação ao nascimento do(a) filho(a)					
Sim Vs Não	3,51	0,64-19,26	0,147	1,00	49,8

*Regressão logística binomial, com análise do pressuposto de multicolinearidade.

***Variance Inflation Factor*.

***Critério de Informação de Akaike.

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

DISCUSSÃO

A participação dos pais durante o puerpério imediato, no meio hospitalar, é de extrema importância para as parceiras e o bebê, auxiliando com os cuidados que, muitas vezes, será realizado pela primeira vez para ambos, momento que exige muita paciência, companheirismo e inclusão paterna. A vivência em domicílio, no dia a dia, possui dificuldades e desavenças, pois há um novo membro na família, uma nova

rotina, atividades de lazer, afazeres domésticos, os cuidados com a puérpera e o resguardo, momentos fundamentais para inclusão do parceiro diante das necessidades básicas e complexas do lar e dos cuidados com o infante.

Muito se discorre sobre o desgaste emocional feminino, as dificuldades da vivência do puerpério e a sobrecarga materna em doar-se por inteira ao recém-nascido, tendo em vista isso, a presente pesquisa buscou, no primeiro momento, entender como era a participação dos parceiros diante dos cuidados iniciais nas primeiras 24 horas, no meio hospitalar, para com o filho e a puérpera, e o auxílio no decorrer da internação, com as dificuldades relacionadas à amamentação e ao bebê, o que exige muita atenção e dedicação. Em segundo momento, a pesquisa intentou entender a participação do parceiro no domicílio, no puerpério tardio, do 11º dia até 45 dias pós-parto, a contribuição com os afazeres domésticos, como foi processo de inclusão diante das tarefas diárias e como o homem reconhecia parceira nesse período com muitas novidades e desafios.

A presente pesquisa apontou que de 100 questionários aplicados com homens que estavam vivenciando o puerpério imediato de parceiras em maternidade do Sudoeste do Paraná, a faixa etária foi semelhante ao estudo no município de Rio Grande/RS, em 2023, que buscou pesquisar a inclusão de homens em serviços de saúde e atividades educativas, a partir da coleta de dados com 22 pais que acompanharam as esposas em um grupo de gestantes, tendo como grupo alvo puérperas e os respectivos companheiros que vivenciaram o ciclo gravídico-puerperal, a qual prevaleceu a faixa etária de 28-37 anos, correspondendo a 63,7% dos participantes¹³.

Segundo informação da atual pesquisa, prevaleceram homens de raça branca, cuja maioria concluiu o Ensino Médio, atualmente, viviam em união estável/casados e com renda fixa mensal de mais de três salários-mínimos, resultados semelhantes ao estudo do Distrito Federal, em 2020, com 1.219 homens, por meio de entrevistas via inquérito telefônico com pais do sobre inclusão, participação e paternidade ativa desde a gestação até o puerpério e o acolhimento nas Políticas de Saúde Pública, o índice da pesquisa, quando relacionado à raça, 58,7% pardos, quando questionado sobre os estudos, 46,1% dos pais concluíram o Ensino Médio, 47,4% casados e 25,6% em

união estável com as parceiras e 57,5% sobreviviam com um a dois salários-mínimos¹⁴.

Como observado em pesquisa realizada no Rio Grande do Sul, no ano de 2020, em uma ESF, em que buscou-se conhecer a vivência do homem no puerpério de parceiras, diante das dificuldades e mudanças com a chegada de um novo filho, identificou-se que de dez casais que foram entrevistados de forma remota, 30% possuíam apenas um filho, os que tinham dois filhos representavam 40%, com três filhos 20% e apenas um casal possuía sete filhos, representando 10%, em paralelo com o estudo citado, com resultados similares, quando relacionado ao número de infantes da pesquisa citada¹⁵.

Em relação à participação do parceiro no parto cesariano ou vaginal de parcerias, na presente pesquisa, o percentual de pais que assistiram ao nascimento dos filhos foi superior à da pesquisa realizada no município de Parnaíba/PI, no ano de 2022, que abrangeu 15 pais no setor obstétrico de hospital público que estava acompanhando as parceiras no período de internação, no momento do parto e após, no alojamento conjunto, e teve prevalência de 60% de pais que estiveram presentes e acompanharam o nascimento dos filhos e as esposas no primeiros cuidados pós-parto¹⁶.

No que se refere à importância da amamentação exclusiva para o bebê nos primeiros seis meses de vida, o conhecimento dos pais sobre a temática se mostrou elevado, da mesma forma, o auxílio prestado pelos pais à puérpera durante a amamentação foi efetivo, realizando a oferta de água, em estudo realizado no ano de 2020, embora o pai compreenda a relevância do aleitamento materno, ele raramente discute o tema com a mãe, entretanto, um pai que esteja bem informado e envolvido com a amamentação pode atuar como importante apoio, ajudando a reduzir o desmame precoce¹⁷.

Acerca do auxílio prestado pelos pais no primeiro banho pós-parto da parceira, obteve-se porcentagem elevada de parceiros que não auxiliaram, nesse quesito, pode-se levantar problemática atribuída à importância da rede de apoio e a dificuldade da puérpera possuir autonomia, devido ao pós-parto recente. Na mesma linha, a maioria dos pais não deram o primeiro banho no ambiente intra-hospitalar nos bebês, contudo,

dos banhos que não foram realizados pelos pais, a maior parte foi efetuada pela equipe de enfermagem. Em estudo realizado no ano de 2021, expôs-se a intervenção de enfermagem no primeiro banho do recém-nascido, devendo ser realizada no mínimo 24 horas após o nascimento, no Alojamento Conjunto, quando o bebê é a termo e apresenta boa vitalidade. Destaca-se que o banho do recém-nascido é importante para ser executado pelo enfermeiro. Logo, enfatiza-se a relevância das orientações e demonstrações feitas pela equipe de enfermagem durante o banho no Alojamento Conjunto, de modo a proporcionar maior segurança à puérpera ou aos familiares ao realizar essa prática¹⁸.

Durante o período de internação do puerpério imediato, a maior parte dos pais realizou as trocas de fraldas do RN. Do mesmo modo, em estudo realizado com 15 pais em município do interior do Rio Grande do Norte (2021), a troca de fralda foi vista como atividade que promove a proximidade entre o pai e o recém-nascido. Nesse momento, o vínculo se fortalece à medida que o pai observa as características físicas do bebê e valoriza as situações marcantes na vida. Dessa forma, uma das primeiras tarefas que ele realiza com o filho é justamente a troca de fralda. Esse ato tem sido descrito como a consolidação do papel paterno, pois o toque e o contato com o recém-nascido reforçam a nova posição do homem na família, a de pai¹⁹.

Quando relacionado à participação do pai na gestação, no parto e puerpério, pesquisa realizada no município de Parnaíba/PI, em 2022, que abrangeu 15 pais no setor obstétrico de hospital público, em que o percentual de homens presentes no período gravídico puerperal de parceiras foi de 95%, os quais 14 participaram de todo o processo gestacional e pré-natal, sendo participativos e colaborativos e nove (60%) estavam presentes no parto, dados semelhantes em relação à pesquisa atual, quando os participantes foram questionados sobre a participação do parceiro e a colaboração dele com a mulher em todas as fases da gestação, do parto e puerpério²⁰.

A presente pesquisa questionou a participação do homem diante do pré-natal e dos exames de rotina na gestação, do acompanhamento nas consultas e ultrassonografias, resultando em boa participação e adesão dos parceiros, dados divergentes quando relacionado com a pesquisa desenvolvida em Maringá/PR, em 2022, com pais localizados a partir de grupos on-line sobre os cuidados com os bebês,

através da indicação das mães que utilizavam deste meio para troca de informações e vivências, sendo possível realizar a coleta de dados com 26 pais, destes casais, 10 gestantes acompanharam o pré-natal e as consultas pelo Sistema Único de Saúde e 16 em instituições privadas, quando questionados aos homens, três estiveram presentes em todas as consultas e exames solicitados, 19 estavam presentes conforme as disponibilidades e quatro afirmaram não terem participado de nenhuma consulta pré-natal e exames. Durante a pesquisa, a maioria dos homens relatou que considerava a assistência do pré-natal de extrema importância, juntamente com os exames de ultrassonografias, definindo boa parte do bom desenvolvimento e acompanhamento materno infantil, auxiliando na ansiedade e tranquilizando o casal até a chegada do recém-nascido²⁰.

Durante o período da gestação, diante da presente pesquisa, a prevalência foi de respostas positivas de homens que acompanharam as consultas de pré-natal de parceiras, ao contrário de estudo de revisão integrativa de literatura, realizado em 2021, em uma Universidade do Rio de Janeiro, a partir de 119 artigos sobre a adesão dos pais no acompanhamento do pré-natal da parceira, no qual a grande maioria era incluída no atendimento, porém, apenas como ouvintes e não no poder de fala, sendo inibidos de levantar colocações e relatos, notando a escassez da inclusão pelos profissionais de saúde dos homens no atendimento de parceiras²¹.

Quando questionado acerca da vivência dos pais no puerpério da parceiras, a visão em relação à esposa, a participação nas atividades do domicílio, o suporte emocional e apoio, o incentivo com a puérpera e os desafios com a chegada de um bebê, na presente pesquisa, prevaleceram boas características definidoras sobre a puérpera e bom desempenho paterno diante do auxílio psicológico e físico, corroborando com uma pesquisa aplicada a 15 pais inseridos na ESF de município no Nordeste do Brasil²², em que os pais relataram auxiliar com os afazeres do lar e os cuidados básicos com o recém-nascido e as mulheres, sabendo da importância do acolhimento para boa recuperação e bom enfrentamento da mudança no ambiente familiar, tendo em vista que a participação do homem é essencial para o enfrentamento dos sentimentos e das dificuldades no ambiente familiar²².

Corroborando com estudo bibliográfico em 2023, evidenciou-se a relevância da criação de laços entre pai e bebê, por meio dos cuidados diários, como trocar fraldas, dar banho e expressar carinho, com essas atividades fortalecendo o papel do pai no contexto familiar e reforçando a importância na dinâmica familiar²³. Sendo assim, na presente pesquisa os pais se sentiam incluídos nos cuidados com o bebê, auxiliando nos cuidados, como soluço, choro e vacinas com maior efetividade, no entanto, quando se mencionaram o banho de sol e as assaduras, o cuidado se mostrou falho e contraditório, visto que 88% dos pais auxiliaram com as trocas de fraldas e apenas 30% ajudaram nos cuidados com assaduras.

A percepção de 82% dos participantes de que a parceira é “forte” e as ações de conforto (74%) são similares aos resultados de outros estudos que apontam o apoio paterno como fonte de segurança, encorajamento e empoderamento materno, além de fortalecer o vínculo conjugal e com o bebê^{6,24}.

Por fim, as associações entre participação no pré-natal e condutas práticas (manejo de soluço e vacinação do bebê), bem como maior sentimento de realização no nascimento, são consistentes com evidências de que a inclusão do parceiro em ações educativas e grupos desde a gestação é porta de entrada para engajamento sustentado no cuidado pós-natal e experiências paternas mais positivas^{6,12,24}.

Os resultados do presente estudo dialogam com a literatura internacional, que aponta a crescente valorização do envolvimento paterno como um fator essencial para a melhoria da experiência no puerpério e para a qualidade do cuidado ao binômio mãe-bebê. Uma metassíntese mostrou que embora os homens desejem participar ativamente, muitas vezes enfrentam barreiras institucionais e culturais que os colocam em uma posição de “não-paciente” e “não-visitante”, o que limita sua inserção plena no processo de cuidado²⁵.

De modo complementar, outra revisão sistemática destacou que intervenções estruturadas para envolver os pais durante a gestação, parto e puerpério estão associadas a melhorias significativas na saúde materna e neonatal, especialmente quando os homens são apoiados e incluídos de forma consistente nos serviços de saúde²⁶.

Portanto, constata-se que a participação paterna durante o puerpério é de extrema importância, visto que a mulher se encontra em momento de fragilidade emocional e corporal, precisando de auxílio nesse período, com os cuidados pessoais, afazeres domésticos e o bebê. Assim, com a presença do pai, consolida-se a tríade mãe, pai e bebê, fortalecendo o vínculo familiar e concretizando a conexão entre o pai e o filho, desta forma, criando sentimentos de segurança e felicidade para ofertar cuidado adequado e efetivo ao bebê, influenciando no desenvolvimento ao longo da vida.

Os resultados reforçam a importância de fortalecer estratégias de inclusão paterna durante o pré-natal, parto e puerpério, de modo a potencializar o vínculo familiar e ampliar a qualidade do cuidado materno-neonatal. Recomenda-se que os serviços de saúde promovam grupos educativos destinados a pais, com foco em aspectos práticos do cuidado ao recém-nascido e apoio emocional à parceira.

Além disso, a capacitação dos profissionais de saúde deve contemplar habilidades para incentivar a participação masculina, reconhecendo-o como corresponsável no processo de cuidado. A criação de políticas institucionais que garantam a presença do pai em consultas, internações e momentos críticos do ciclo gravídico-puerperal constitui medida fundamental. Tais ações podem contribuir para maior engajamento paterno, reduzindo lacunas de conhecimento e fortalecendo o suporte oferecido às mulheres, sobretudo no puerpério.

Observou-se que diante das limitações do trabalho, destacou-se a dificuldade dos parceiros para conversarem abertamente sobre o puerpério, a esposa e os cuidados com o bebê, pois o machismo infiltrado no homem interfere na recuperação da parceira, contribuindo para o abalo emocional e a dificuldade de lidar com as mudanças do corpo, da mente e da chegada de um novo membro da família, o que exige tempo, atenção, dedicação e auxílio do pai, para exercer com maestria o papel de educador, cuidador e esposo.

CONCLUSÃO

Verificou-se que a maioria dos homens participantes estavam presentes na hora do parto, dando todo apoio necessário e sabiam da importância da amamentação

como principal forma de nutrição do infante nos primeiros seis meses de vida, auxiliando a puérpera com as dificuldades. A presente pesquisa apontou que em relação ao primeiro banho do recém-nascido, os responsáveis foram as equipes de enfermagem, porém os pais relataram ajudar com as trocas de fraldas e os demais cuidados com o RN e a puérpera, sempre que possível, buscavam estar presentes nas consultas de pré-natal e exames de rotinas, com a ultrassonografia.

Observou-se que os homens apontaram com maior prevalência o adjetivo “forte”, quando questionados sobre como viam as esposas durante o puerpério, conciliando medos, dificuldades, sentimentos, o lar e a chegada de um novo membro para a família e auxiliavam também com o emocional delas, para que se sentissem mais confortáveis, valorizadas e acolhidas durante essa fase de adaptação e conhecimento, com apoio, palavras de encorajamento e atos de serviços. Ainda, quando questionados sobre os sentimentos em relação ao nascimento do bebê, muitos relataram o sentimento de felicidade e realização e se sentiam incluídos com os cuidados diários e auxiliavam com o choro e o soluço do recém-nascido.

Diante do exposto, os pais estavam ativos nos cuidados prestados ao infante e às parceiras, demonstravam apoio, carinho, amor e atenção, buscavam estar presentes em todos os momentos e aproveitavam todas as fases de desenvolvimento do filho, respeitavam as mulheres, o corpo, a oscilação de sentimentos e as fragilidades e sabiam da importância da figura paterna na gestação, no parto, no puerpério, nas atividades do lar e do dia a dia e na educação das crianças.

Observou-se a escassez de estudos quantitativos diante da pesquisa presente, ressaltando, assim, a importância do homem no processo gravídico-puerperal, com isso, há fragilidade em estudos que abordam tamanho impacto na vida da mulher, do recém-nascido e, até mesmo, na do parceiro, em relação aos sentimentos em tornar-se pai, a visão diante da esposa, tendo em vista as mudanças corporais e emocionais e a participação efetiva e afetiva no meio familiar e como isso impacta como facilitador do processo, tornando o fardo menor para a mulher e valorizando-a.

REFERÊNCIAS

1. Nascimento AO, Marcelino PHR, Vieira RS, Adriana L. A Importância do Acompanhamento Paterno no Pós-Parto e o Exercício da Paternidade. Revista Online de Pesquisa - Cuidado é Fundamental [Internet]. 2019 jan. 11(2, n. esp):

- 475-480. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-969982>
2. Batista JS, Fonseca BS, Piran CMG, Shibukawa BMG, Furtado MD, Merino MFGL. O papel paterno durante o primeiro ano de vida do bebê: revisão integrativa. Revista Nursing [Internet]. 2021 Dez 24(283):6832-6845. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/357144150_O_papel_paterno_durante_o_primeiro_ano_de_vida_do_bebe_revisao_integrativa
 3. Alves TV, Bezerra MMM. Principais alterações fisiológicas e psicológicas durante o Período Gestacional / Main Physiological and Psychological changes during the management period. Id on line revista de psicologia [Internet]. 2020 Feb 28;14(49):114–26. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/download/2324/3608>
 4. Coimbra CBAD. Relatório final de estágio de Enfermagem de Saúde Materna e Obstétrica: Fadiga materna e paterna aos 3 meses de pós-parto. Tese (Curso de Mestrado em Enfermagem de Saúde Materna e Obstétrica - Escola Superior de Coimbra). 2021 [cited 2024 Nov 13];78–8. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1366824>
 5. Menezes MSL, Comin FS, Santeiro TV. Envolvimento paterno na relação mãe-bebê: revisão integrativa da literatura. Psicol Rev. 2019;25(1):19-39. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682019000100003
 6. Kronbauer FA, Schwertner SF. Aprende-se a ser pai? A participação de homens em grupos de gestantes e casais grávidos. Psicol Pesqui. 2022;16(1):1-25. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472022000100004
 7. Oliveira PC et al. Os benefícios da presença do pai no trabalho de parto e parto. Brazilian Journal of Development [Internet]. 2021 Fev. 7(2), 18142–18159. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv7n2-450>
 8. Batista LAR, Oliveira LS, Gomes AT, Azevedo GD, Bezerra IMP. Vivências de homens no ciclo gravídico-puerperal: contribuições de uma tecnologia educativa. Rev Enferm UFSM [internet]. 2021;11:e37. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2179769238945>.
 9. Nascimento JAS, Souza IEO, Silva SED, Leite JL, Monteiro ARM, Rocha JF. Representações sociais da paternidade para homens que vivenciam o processo do nascimento. Rev Bras Enferm [internet]. 2019;72(Supl 3):299-306. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0437>.
 10. Menezes JC, Gonçalves RM, Silva Júnior LG, Silva RSS, Silva DM. A participação paterna no processo de gestar e parir: uma revisão integrativa. Rev Enferm UFPE On Line [internet]. 2019;13(1):226-34. Disponível em: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v13i01a236063>.

11. IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Habitantes. 2021. Disponível: <https://ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/francisco-beltrao.html>.
12. Araújo MS, Melo MCP, Costa LO, Viana LSS, Santana YTMP. Vivências de homens acompanhantes de puérperas internadas na unidade de terapia intensiva por síndrome hipertensiva. Rev Enferm UFSM [internet]. 2021;11:e47. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2179769248306>.
13. Costa MG et al. Inclusão de homens em serviços de saúde e atividades educativas: percepção dos pais. Revista Gaúcha de Enfermagem [internet]. 2023;44:e20220047. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/NzRPbrtC3nR3d8TF3qWvnJs/?lang=pt&format=pdf>
14. Silva MLD. A paternidade em rede: subsídios para o exercício da paternidade ativa dos pais/parceiros com base na pesquisa nacional saúde do homem-paternidade e cuidado-etapa III no Distrito Federal. 2019/2020 Dissertação (Mestre em Saúde Coletiva) - Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. 2020 Nov v.1, p. 1-120. Disponível em: http://icts.unb.br/jspui/bitstream/10482/38125/1/2019_MichelleLeitedaSilva.pdf
15. Zaldivar AP, Prates LA, Perez R de V, Gomes N da S, Pilger CH. Couples experiences about the partner's participation in the puerperium. RSD [internet]. 2020 Jun 9(7):e913974510. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/4510>.
16. Santos MHS. et al. A participação do pai no pré-natal e no parto e possíveis contribuições. Rev Eletr Acervo Saúde. 2022;15(9):1-8. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/10924>
17. Ferreira MCDN, Lopes, RJN. O papel dos pais na implementação do processo de amamentação. Repositório Institucional Unifametro. 2020. Tese de Doutorado. Disponível em: https://repositorio.unifametro.edu.br/bitstream/123456789/319/1/RENATA%20JESSICA%20NASCIMENTO%20LOPES%20MARIA%20CAROLINE%20DO%20NASCIMENTO%20FERREIRA_TCC.pdf
18. Machado NS, Jesus MCA, de Olivindo DDF. Atuação do enfermeiro nos cuidados ao recém-nascido em alojamento conjunto: uma revisão integrativa. Res Soc Dev. 2021;10(14):e395101422185. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/22185>
19. Mathioli C, Ferrari RAP, Parada CMGDL, Zani AV. O cuidado paterno ao filho prematuro no ambiente domiciliar: representações maternas. Esc Anna Nery. 2021;25(3):e20200298. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/TBTHNtdzQ7sXCMjwjTKDLch/?lang=pt&format=pdf>
20. Santos RMS, Marquete VF, Vieira VCL, Goes HLF, Moura DRO, Marcon SS. Percepção e participação do parceiro na assistência pré-natal e nascimento. Rev

- Pesqui Cuid Fundam. 2022;14:1-8. 10616. Disponível em: <https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/10616>
21. Bueno AC, Gomes ENF, Souza AS, Silva JSLG, Silva GSV, Silva TASM. Ausência do homem no pré-natal da parceira e no pré-natal do pai. Rev Pró-UniverSUS. 2021;12(2):39-46. Disponível em: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RPU/article/view/2690/1631>
22. Araujo MLD, Ferreira VAA, Araújo MG, Carvalho JBL. Estudo qualitativo sobre a vivência do adolescente e adulto jovem no puerpério da companheira. Bol Conjunt BOCA. 2024;19(56):289-312. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/5480/1253>.
23. Ketiane MKDSA, Rodrigues SXVF, Ribeiro MGC, Tomaz DFO, Leal, TCA. O lugar do pai: da gravidez ao puerpério. Soc Debate [Internet]. 2023 Apr;5(1). Disponível em: <https://www.sociedadeemdebate.com.br/index.php/sd/article/view/76>
24. Farias IC, Fiorentin LF, de Bortoli C de FC. Benefícios da participação paterna no processo gestacional. J. nurs. health. [Internet]. 2023;13(1):e13122369. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/22369>
26. Steen M, Downe S, Bamford N, Edozien L. Not-patient and not-visitor: a metasynthesis of fathers' encounters with pregnancy, birth and maternity care. Midwifery. 2012 Jan;28(4):422-31. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S026661381100088X?via%3Dihub>
27. Tokhi M, Comrie-Thomson L, Davis J, Portela A, Chersich M, Luchters S. Involving men to improve maternal and newborn health: A systematic review of the effectiveness of interventions. PLoS One. 2018 Jan;13(1):e0191620. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29370258/>

RECEBIDO: 12/12/2024
APROVADO: 22/09/2025